



Universidade da Amazônia

# A Semana Santa

de Alexandre Herculano

## NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [nead@unama.br](mailto:nead@unama.br)



**A Semana Santa**  
de Alexandre Herculano

*Der Gedanke Gott weckt einen  
fürchterlichen Nachhar auf. Sein Name  
heisst Richter.*

SCHILLER

I

Tíbio o sol entre as nuvens do ocidente,  
Já lá se inclina ao mar. Grave e solene  
Vai a hora da tarde! O oeste passa  
Mudo nos troncos da alameda antiga,  
Que à voz da Primavera os gomos brota:  
O oeste passa mudo, e cruza o átrio  
Pontiagudo do templo, edificado  
Por mãos duras de avós, em monumento  
De uma herança de fé que nos legaram,  
A nós seus netos, homens de alto esforço,  
Que nos rimos da herança, e que insultamos  
A Cruz e o templo e a crença de outras eras;  
Nós, homens fortes, servos de tiranos,  
Que sabemos tão bem rojar seus ferros  
Sem nos queixar, menosprezando a Pátria  
E a liberdade, e o combater por ela.  
Eu não! — eu rujo escravo; eu creio e espero  
No Deus das almas generosas, puras,  
E os déspotas maldigo. Entendimento  
Bronco, lançado em século fundido  
Na servidão de gozo ataviada,  
Creio que Deus é Deus e os homens livres!

II

Oh, sim! — rude amator de antigos sonhos,  
Irei pedir aos túmulos dos velhos  
Religioso entusiasmo; e canto novo  
Hei-de tecer, que os homens do futuro  
Entenderão; um canto escarnecido  
Pelos filhos dest' época mesquinha.  
Em que vim peregrino a ver o mundo,  
E chegar a meu termo, e reclinar-me  
À branda sombra de cipreste amigo.

III

Passa o vento os do pórtico da igreja  
Esculpidos umbrais: correndo as naves  
Sussurrou, sussurrou entre as colunas  
De gótico lavor: no órgão do coro  
Veio, enfim, murmurar e esvaecer-se.

IV

Mas porque sou o vento? Está deserto,  
Silencioso ainda o sacro templo:  
Nenhuma voz humana ainda recorda  
Os hinos do Senhor. A natureza  
Foi a primeira em celebrar seu nome  
Neste dia de luto e de saudade!  
Trevas da quarta-feira, eu vos saúdo!  
Negras paredes, mudos monumentos  
De todas essas orações de mágoa,  
De gratidão, de susto ou de esperança.  
Depositadas ante vs nos dias  
De fervorosa crença, a vós que enluta  
A solidão e o d, venho eu saudar-vos.  
A loucura da Cruz não morreu toda<sup>1</sup>  
Após dezoito séculos! Quem chore  
Do sofrimento o Herói existe ainda.  
Eu chorarei — que as lágrimas são d homem —  
Pelo Amigo do povo, assassinado  
Por tiranos, e hipócritas, e turbas  
Envilecidas, bárbaras, e servas.

V

Tu, Anjo do Senhor, que acendes o estro;  
Que no espaço entre o abismo e os céus vagueias,  
Onde mergulhas no oceano a vista;  
Tu que do trovador à mente arrojias  
Quanto há nos céus esperançoso e belo,  
Quanto há no abismo tenebroso e triste,  
Quanto há nos mares majestoso e vago,  
Hoje te invoco! — oh, vem! —, lança em minha alma  
A harmonia celeste e o fogo e o gênio,  
Que dêem vida e vigor a um carne pio.

---

<sup>1</sup> *A loucura da Cruz não morreu toda*: Verbum enim Crucis pereuntibus quidem stultitia est. Porque a palavra da Cruz é, na verdade, uma estultícia para os que se perdem. *Paul. ad Corinth. C 1-18*

VI

A noite escura desce: o Sol de todo  
Nos mares se atufou. A luz dos mortos,  
Dos brandões o clarão, fulgura ao longe  
No cruzeiro somente e em volta da ara:  
E pelas naves começou ruído  
De compassado andar. Fiéis acodem  
À morada de Deus, a ouvir queixumes  
Do vate de Sião. Em breve os monges,  
Suspirosas canções aos Céus erguendo,  
Sua voz unirão à voz desse órgão,  
E os sons e os ecos reboarão no templo.  
Mudo o coro depois, neste recinto  
Dentro em bem pouco reinará silêncio,  
O silêncio dos túmulos, e as trevas  
Cobrirão por esta área a luz escassa  
Despedida das lâmpadas que pendem  
Ante os altares, bruxuleando frouxas.  
Imagem da existência! Enquanto passam  
Os dias infantis, as paixões tuas,  
Homem, qual então és, são débeis todas.  
Cresceste: ei-las torrente, em cujo dorso  
Sobrenadam a dor e o pranto e o longo  
Gemido do remorso, a qual lançar-se  
Vai com rouco estridor no antro da morte,  
Lá, onde é tudo horror, silêncio, noite.  
Da vida tua instantes fluorescentes  
Foram dois, e não mais: as cãs e rugas,  
Logo, rebate de teu fim te deram.  
Tu foste apenas som, que, o ar ferindo,  
Murmurou, esqueceu, passou no espaço.  
E a casa do Senhor ergueu-se. O ferro  
Cortou a penedia; e o canto enorme  
Polido alveja ali no espesso pano  
Do muro colossal, que era após era,  
Como onda e onda ao desdobrar na areia,  
Viu vir chegando e adormecer-lhe ao lado.  
O ulmo e o choupo no cair rangeram  
Sob o machado: a trave afeiçoou-se;  
Lá no cimo pousou: restruge ao longe  
De martelos fragor, e eis ergue o templo,  
Por entre as nuvens, bronzeadas grimpas.  
Homem, do que és capaz! Tu, cujo alento  
Se esvai, como da cerva a leve pista  
No pó se apaga ao respirar da tarde,  
Do seio dessa terra em que és estranho,  
Sair fazes as moles seculares,  
Que por ti, mono, falem; dás na ideia

Eterna duração às obras tuas.  
Tua alma é imortal, e a prova a deste!

VII

Anoiteceu. Nos claustros ressoando  
As pisadas dos monges ouço: eis entram;  
Eis se curvaram para o chão, beijando  
O pavimento, a pedra. Oh, sim, beijai-a!  
Igual vos cobrirá a cinza um dia,  
Talvez em breve — e a mim. Consolo ao morto  
É a pedra do túmulo. Sê-lo-ia  
Mais, se do justo só a herança fora;  
Mas também ao malvado é dada a campa.  
E o criminoso dormirá quieto  
Entre os bons soterrado? Oh, não! Enquanto  
No templo ondeiam silenciosas turbas,  
Exultarão do abismo os moradores,  
Vendo o hipócrita vil, mais ímpio que eles,  
Que escarnece do Eterno, e a si se engana;  
Vendo o que julga que orações apagam  
Vícios é crimes e o motejo e o riso  
Dado em resposta às lágrimas do pobre;  
Vendo os que nunca ao infeliz disseram  
De consolo palavra ou de esperança.  
Sim: malvados também hão-de pisar-lhes  
Os frios restos que separa a terra,  
Um punhado de terra, a qual os ossos  
Destes há-de cobrir em tempo breve,  
Como cobriu os seus; qual vai sumindo  
No segredo da campa a humana raça.

VIII

Eis que a turba rareia. Ermam bem poucos  
Do templo na amplidão: só lá no escuro  
De afumada capela o justo as preces  
Ergue pio ao Senhor, as preces puras  
De um coração que espera, e não mentidas  
De lábios de impostor, que engana os homens  
Com seu meneio hipócrita, calando  
Na alma lodosa da blasfêmia o grito.  
Então exultarão os bons, e o ímpio,  
Que passou, tremerá. Enfim, de vivos,  
Da voz, do respirar o som confuso  
Vem confundir-se no ferver das praças,  
E pela galilé só ruge o vento.  
Em trevas não, ficou silenciosas  
O sagrado recinto: os candeeiros,  
No gelado ambiente ardendo a custo,

Espalham débeis raios, que reflectem  
Das pedras pela alvura; o negro mocho,  
Companheiro do morto, hórrido pio  
Solta lã da cornija: pelas fendas  
Dos sepulcros desliza fumo espesso;  
Ondeia pela nave, e esvai-se. Longo  
Suspirar não se ouviu? Olhai! Lá se erguem,  
Sacudindo o sudário, em peso os morros!  
Mortos, quem vos chamou? O som da tuba  
Ainda do Josafat não fere os vales.  
Dormi, dormi: deixai passar as eras...

IX

Mas foi uma visão: foi como cena  
D' imaginar febril. Criou-se, acaso  
Do poeta na mente, ou desvendou-lhe  
A mão de Deus o íntimo ver da alma,  
Que devassa a existência misteriosa  
Do mundo dos espíritos? Quem sabe?  
Dos vivos já deserta, a igreja torva  
Repovoou-se, para mim ao menos,  
Dos extintos, que ao pé das santas aras  
Leito comum na sonolência extrema  
Buscaram. O terror, que arreda o homem  
Do limiar do tempo às horas mortas,  
Não vem de crença vã. Se fulgem astros,  
Se a luz da Lua estira a sombra eterna  
Da cruz gigante (que campeia erguida  
No vértice do tímpano, ou no cimo  
Do coruchéu do campanário) ao longo  
Dos inclinados tectos, afastai-vos!  
Afastai-vos daqui, onde se passam  
A meia-noite insólitos mistérios;  
Daqui, onde desperta a voz do arcanjo  
Os dormentes da morte; onde reúne  
O que foi forte e o que foi fraco, o pobre  
E o opulento, o orgulhoso e o humilde,  
O bom e o mau, o ignorante e o sábio,  
Quantos, enfim, depositar vieram  
Junto do altar o que era seu no mundo,  
Um corpo nu, e corrompido e inerte.

X

E seguia a visão. Cria ainda achar-me,  
Alta noite, na igreja solitária  
Entre os mortos, que, erectos sobre as campas,  
Eram já pouco um fumo que ondeava  
Pelas fisgas do vasto pavimento.

Olhei. Do erguido tecto o pano espesso  
Rareava; rareava-me ante os olhos,  
Como ténue cendal; mais ténue ainda,  
Como o vapor de Outono em quarto d'alva,  
Que se libra no espaço antes que desça  
A consolar as plantas conglobado  
Em matutino orvalho. O firmamento  
Era profundo e amplo. Envolto em glória,  
Sobre vagas de nuvens, rodeado  
Das legiões do Céu, o Ancião dos dias,  
O Santo, o Deus descia. Ao sumo aceno  
Parava o tempo, a imensidade, a vida  
Dos mundos a escutar. Era esta a hora  
Do julgamento desses que se alçavam,  
À voz de cima, sobre as sepulturas?

XI

Era ainda a visão. Do templo em meio  
Do anjo da morte a espada flamejante  
Crepitando bateu. Bem como insectos,  
Que à flor de pego pantanoso e triste  
Se balouçavam — quando a tempestade  
Veio as asas molhar nas águas turvas,  
Que marulhando sussurraram — surgem  
Volteando, zumbindo em dança doida,  
E, lassos, vão pousar em longas filas  
Nas margens do paul, de um lado e de outro;  
Tal o murmúrio e a agitação incerta  
Ciciava das sombras remoinhando  
Ante o sopro de Deus. As melodias  
Dos coros celestiais, longínquas, frouxas,  
Com frémito infernal se misturavam  
Em caos de dor e júbilo.

Dos mortos

Parava, enfim, o vórtice enredado;  
E os grupos vagos em distintas turmas  
Se enfileiravam de uma parle e de outra.  
Depois, o gládio do anjo entre os dois bandos  
Ficou, única luz, que se estirava  
Desde o cruzeiro ao pórtico, e feria  
De reflexo vermelho os largos panos  
Das paredes de mármore, bem como  
Mar de sangue, onde inertes flutuassem  
De humanos vultos indecisas formas.

XII

E seguia a visão. Do templo à esquerda,  
Mestas as faces, inclinada a frente,

Da noite as larvas tinham sobre o solo  
Fito o espantado olhar, e as dilatadas  
Baças pupilas lhes tingia o susto.  
Mas, como zona lúcida de estrelas,  
Nessa atmosfera crassa e afogueada  
Pela espada rubente, refulgiam  
Da direita os espíritos, banhado  
De inenarrável placidez seu gesto.  
Era inteiro o silêncio, e no silêncio  
Uma voz ressoou: Eleitos, vinde!  
Ide, precitos! Vacilava a Terra,  
E ajoelhando eu me curvei tremendo.

### XIII

Quando me ergui e olhei, no céu profundo  
Um rastilho de luz pura e serena  
Se ia embebendo nesses mares de orbes  
Infinitos, perdidos no infinito,  
A que chamamos o universo. Um hino  
De saudade e de amor, quase inaudível,  
Parecia romper desde as alturas  
De tempo a tempo. Vinha como envolto  
Nas lufadas do vento, até perder-se  
Em sossego mortal.  
O curvo tecto  
Do templo, então, se condensou de novo,  
E para a Terra o meu olhar volveu-se.  
Da direita os espíritos radiosos  
Já não estavam lá. Chispando a espaços,  
Qual o ferro na incude, a espada do anjo  
O mortiço rubor mandava apenas,  
D'aurora boreal quando se extingue.

### XIV

Prosseguia a visão. Da esquerda às sombras  
Ansiava o seio a dor: tinham no gesto  
Impressa a maldição, que lhes secara  
Eternamente a seiva da esperança.  
Como se vê, em noite estiva e negra,  
Cintilar sobre as águas a ardentia,  
Dumas fronte às outras vagueavam  
Cerúleos lumes no esquadrão dos mortos,  
E ao estalar das lousas, grito imenso  
Subterrâneo, abafado e delirante,  
Inefável compêndio de agonias,  
Misturado se ouviu com rir do Inferno,  
E a visão se desfez. Era ermo o templo:  
E despertei do pesadelo em trevas.



XV

Era loucura ou sonho? Entre as tristezas  
E os terrores e angústias, que resume  
Neste dia e lugar a avita crença,  
Irresistível força arrebatou-me  
Da sepultura a devassar segredos,  
Para dizer: Tremei! Do altar à sombra  
Também há mau dormir de sono extremo!  
A justiça de Deus visita os mortos,  
Embora a cruz da redenção proteja  
A pedra tumular; embora a hóstia  
Do sacrifício o sacerdote eleve  
Sobre as vizinhas aras. Quando a igreja  
Rodeiam trevas, solidão e medos,  
Que a resguardam coas asas acurvadas  
Da vista do que vive, a mão do Eterno  
Separa o joio ao bom grão e arroja  
Para os abismos a ruim semente.

XVI

Não! — não foi sonho vão, vago delírio  
De imaginar ardente. Eu fui levado,  
Galgando além do tempo, às tardas horas,  
Em que se passam cenas de mistério,  
Para dizer: Tremei! Do altar à sombra  
Também há mau dormir de sono extremo!  
Vejo ainda o que vi: da sepultura  
Ainda o hálito frio me enregela  
O suor do pavor na fronte; o sangue  
Hesita imoto nas inertes veias;  
E embora os lábios murmurar não ousem,  
Ainda, incessante, me repete na alma  
Íntima voz: Tremei! Do altar à sombra  
Também há mau dormir de sono extremo!

XVII

Mas troa a voz do monge, e, enfim, desperto  
O coração bateu. Eia, retumbem  
Pelos ecos do templo os sons dos salmos.  
Que em dia de aflição ignoto vate  
Teceu<sup>2</sup>, banhado em dor. Talvez foi ele  
O primeiro cantor que em várias cordas,  
À sombra das palmeiras da Idumeia,

---

<sup>2</sup> *ignoto vate / Teceu*: ainda que os salmos se atribuam geralmente a David, há cerca disso muita incerteza, e o que, ao menos, parece indubitável é que alguns lhe não pertencem, por falarem no cativo de Babilónia e trazerem alusões a épocas mais recentes. Verdade é que se chegou a crer herética semelhante opinião; mas os padres gregos, e com eles Santo Hilário e S. Jerónimo, julgam absurdo atribuí-los todos a David. Esdras, voltando do cativo, foi quem reuniu estes hinos, e nessa colecção é provável fizesse entrar todas as poesias hebraicas deste género lírico e religioso.

Soube entoar melodioso um hino.  
Deus inspirava então os trovadores  
Do seu povo querido, e a Palestina,  
Rica dos meigos dons da natureza.  
Tinha o ceptro, também, do entusiasmo.  
Virgem o génio ainda, o estro puro  
Louvava Deus somente, à luz da aurora,  
E ao esconder-se o Sol entre as montanhas  
De Bethoron<sup>3</sup>. Agora o génio é morto  
Para o Senhor, e os cantos dissolutos  
De lodoso folgado os ares rompem,  
Ou sussurram por paços de tiranos,  
Asselados de pútrida lisonja,  
Por preço vil, como o cantor que os tece.

### XVIII

#### O SALMO<sup>4</sup>

Quando é grande o meu Deus!... Té onde chega  
O seu poder imenso!  
Ele abaixou os céus desceu, calcando  
Um nevoeiro denso.  
Dos querubins nas asas radiosas  
Librando-se, voou;  
E sobre turbilhões de rijo vento  
O mundo rodeou.

<sup>3</sup> *E ao esconder-se o Sol entre as montanhas / De Bethoron*: Bethoron inferior, cidade situada perto da Gadara, ou Gazara, e de Bethel, e todas elas em uma série de montanhas no extremo de tribo de Efraim, ao ocidente de Jerusalém. Cumpre não a confundir com a outra Bethoron, ou Bethra, a quatro milhas de Jerusalém para o norte, no caminho de Siquém, ou Naplusa.

<sup>4</sup> O SALMO:

Commota est, et connemuit terra: iundamenta montium cunturbata sunt, et commota sunt, quoniam iratus est eis.

Ascendit fumus in ira ejus: et ignis a facie ejus exarsit: carbones succensi sunt ab eo.

Inclinavit coelos et descendit: et caligo sub pedibus ejus.

Et ascendit super cherubim, et volavit: volavit super pennas ventorum.

Comoveu-se a Terra e tremeu: os fundamentos dos montes estremeceram e se abalaram, porque se indignou contra eles.

Subiu fumo na ira dele, e saiu fogo ardente do seu rosto; por ele foram incendiados carvões.

Inclinou os Céus e desceu: e obscuridade debaixo dos seus pés.

E subiu sobre querubins, e voou; voou sobre as asas dos ventos.

Salmo 17 – V. 8-9-10-11

Quo ib a Spiritu tuo? et quo a facie tua fugiam?

Si ascendero in coelum, tu illic es: si descendero in infernum, ades.

Si sumpsero pennas meas diluculo, et habitavero in extremis maris:

Ete nim illuc manus tua deducet me: et tenebit me dextera tua.

Et dixi: Forsitan tenebrae conculcabunt me: et nox illuminatio mea in deliciis meis;

Quia tenebrae non obscurabuntur a te, et nox sicut dies illuminabitur sicut tenebrae ejus, sicutet lumen ejus.

Como me irei do teu Espírito? e para onde fugirei da tua presença?

Se subir ao Céu, tu ali te achas: se descer ao Inferno, presente nele estás.

Se eu tomar as minhas asas, ao romper da alva, e for habitar nas extremidades do mar:

Ainda lá me guiará a tua mão e me susterá a tua direita.

E disse: Talvez me ocultarão as trevas; mas a noite se converte em claridade para me descobrir, entregue às minhas delícias; Porque as trevas não serão escuras para ti, e a noite será iluminada como o dia; como as trevas daquela, assim são também a luz deste.

Salmo 138 – V. 7-8-9-10-11-12

...arcum suum tetendit et paravit illum.

Et in eo paravit vasa mortis, sagittas suas ardentibus effecit.

...armou o seu arco e o tem pronto..

Já pós nele os instrumentos da morte; já preparou as suas setas ardentes.

Salmo 7 – V. 13-14

Ante o olhar do Senhor vacila a Terra,  
E os mares assustados  
Bramem ao longe, e os montes lançam fumo,  
Da sua mão tocados.  
Se pensou no universo, ei-lo patente  
Ante a face do eterno:  
Se o quis, o firmamento os seios abre,  
Abre os seios o Inferno.  
Dos olhos do Senhor, homem, se podes.  
Esconde-te um momento:  
Vê onde encontrarás lugar que fique  
Da sua vista isento:  
Sobe aos Céus, transpõe mares, busca o abismo,  
Lá teu Deus há-de achar;  
Ele te guiará, e a dextra sua  
Lá te há-de sustentar:  
Desce à sombra da noite, e no seu manto  
Envolver-te procura...  
Mas as trevas para ele não são trevas,  
Nem é a noite escura.  
No dia do furor, em vão buscaras  
Fugir ante o Deus forte,  
Quando do arco tremendo, irado, impele  
Seta em que pousa a morte.  
Mas o que o teme dormirá tranquilo  
No dia extremo seu,  
Quando na campa se rasgar da vida  
Das ilusões o véu.

## XIX

Calou-se o monge: sepulcral silêncio  
À sua voz seguiu-se. Uma toada  
De órgão rompeu do coro<sup>5</sup>. Assemelhava  
O suspiro saudoso, e os ais de filha,  
Que chora solitária o pai, que dorme  
Seu último, profundo e eterno sono.  
Melodias depois soltou mais doces.  
O severo instrumento: e ergueu-se o canto,  
O doloroso canto do profeta,  
Da pátria sobre o fado. Ele, que o vira,  
Sentado entre ruínas, contemplando  
Seu avito esplendor, seu mal presente,  
A queda lhe chorou. Lá na alta noite,

---

<sup>5</sup> *À sua voz seguiu-se. Uma toada / De órgão rompeu do coro. Assemelhava:* o órgão é um instrumento propiíssimo para acompanhar os hinos religiosos. Os protestantes, apartando-se da comunhão romana, e fazendo voltar o culto quase à simplicidade primitiva, conservaram nos seus templos este instrumento, cujos sons melódiosos, e ao mesmo tempo severos, se adaptam tão bem às ideias que suscitam os cantos da Igreja. O primeiro órgão que se viu no Ocidente da Europa foi o que mandou, em 758, Constantino Coprónimo, imperador de Constantinopla a Pepino, pai de Carlos Magno. Depois o seu uso se tornou quase exclusivo nos templos. [Os versos em epígrafe são variantes dos que se lêem n'A *Harpa (A sua voz seguiu-se: e um som soturno / De órgão partiu-o; som que assemelhava)*. A alteração ao texto original não implica a sucessão da nota, porque a palavra que a origina (órgão) mantém-se.]

Modulando o Nébel<sup>6</sup>, via-se o vate  
Nos derribados pórticos, abrigo  
Do imundo stélio<sup>7</sup> e gemedora poupa.  
Extasiado — e a lua cintilando  
Na sua calva fronte, onde pesavam  
Anos e anos de dor. Ao venerando  
Nas encovadas faces fundos regos  
Tinham aberto as lágrimas. Ao longe,  
Nas margens do Cédron, a rã grasnando<sup>8</sup>  
Quebrava a paz dos túmulos. Que túmulo  
Era Sião! — o vasto cemitério  
Dos fortes de Israel. Mais venturosos  
Que seus irmãos, morreram pela pátria;  
A pátria os sepultou dentro em seu seio.  
Eles, em Babilónia, aos punhos ferros,  
Passam de escravos miseranda vida,  
Que Deus pesou seus crimes, e. ao pesá-los,  
A dextra lhe vergou. Não mais no templo  
A nuvem repousara, e os céus de bronze  
Dos profetas aos rogos se amostravam.  
O vate de Anatoth<sup>9</sup> a voz soltara  
Entre o povo infiel, de Eloha em nome<sup>10</sup>:  
Ameaças, promessas, tudo inútil;  
De bronze os corações não se dobraram.  
Vibrou-se a maldição. Bem como um sonho,  
Jerusalém passou: sua grandeza  
Somente existe em derrocadas pedras.  
O vate de Anatoth, sobre seus restos,  
Com triste canto deplorou a pátria.  
Hino de morte alçou: da noite as larvas  
O som lhe ouviram: 'squálido esqueleto,  
Rangendo os ossos, dentre a hera e musgos  
Do pórtico do templo erguia um pouco,

<sup>6</sup> *Modulando o Nébel*: o *Nébel*, que os Gregos traduzem por *Psalterion*, ou *Nablon*, era entre os Hebreus um instrumento próprio da música religiosa, como entre os cristãos o órgão.

A sua forma triangular, e o ser instrumento de cordas, fez com que na *Vulgata* se vertesse a palavra hebraica Nébel, umas vezes por lira, outras por cítara, sem ser nenhuma das duas coisas. Veja-se a Dissertação de Calmet acerca da música dos Hebreus.

<sup>7</sup> *Do imundo stélio*:

O estélio é o lagarto da primeira espécie, ou a salamandra de Lacepede. *Stellio manibus nititur et moratur in aedibus regis*. Migale, et chamaeleon, et stellio, et lacerta, et talpa.

A saramântiga, que se sustém nas suas mãos, e que mora no palácio dos reis.

*Prov. 30 – V. 28*

O musaranho, o camaleão, a saramântiga, a lagartixa e a toupeira.

*Levit. 11 – V. 30*

<sup>8</sup> *Nas margens do Cédron, a rã grasnando*: a torrente do Cédron, que passa entre Jerusalém e o monte Olivete, ao oriente da cidade, seca inteiramente no Estio, e no Inverno as suas águas são torvas e avermelhadas. Daí o seu nome, que soa como – *Torrente da Tristeza*. Alguém lhe chamou *Torrente dos Cedros*, tomando a palavra hebraica *Kedron* pelo plural grego *Kedron*.

<sup>9</sup> *O vate de Anatoth*:

Jeremias era natural de Anatoth, cidade sacerdotal na tribo de Benjamim. er Jeremiae filii Helciae, de sacerdotibus qui fuerunt in Anatoth, in terra Benjamim.

Palavras de Jeremias, filho de Helcias, um dos sacerdotes que viviam em Anatoth, na terra de Benjamim.

*Jerem. I – V. 1*

<sup>10</sup> *Entre o povo infiel, de Eloha em nome*: *Eloha*, ou *Elah*, nome de Deus em hebraico, ou antes caldaico, e palavra assaz comum na Bíblia. O autor do Génesis usa do plural *Elohim*, ou *Elahim*, para significar ora o Deus uno, ora os deuses dos pagãos. Consulte-se Volney, *Recherches sur l'Histoire Ancienne*, cap. XVII.

Alvejando, a caveira. Era-lhe alívio  
Do sagrado cantor a voz suave  
Desferida ao luar, triste, no meio  
Da vasta solidão que o cercava.  
O profeta gemeu: não era o estro,  
Ou o vívido júbilo que outrora  
Inspirara Moisés<sup>11</sup>: o sentimento  
Foi sim pungente de silêncio e morte,  
Que da pátria lhe fez sobre o cadáver  
A elegia da noite erguer e o pranto  
Derramar da esperança e da saudade.

XX

### A LAMENTAÇÃO<sup>12</sup>

Como assim jaz e solitária e queda  
Esta cidade outrora populosa!  
Qual viúva, ficou e tributária  
A senhora das gentes.  
Chorou durante a noite; em pranto as faces,  
Sozinha, entregue á dor, nas penas suas  
Ninguém a consolou: os mais queridos  
Contrários se tornaram.  
Ermas as praças de Sião e as ruas,

<sup>11</sup> *Inspirara Moisés*: alusão ao cântico depois da passagem do mar Roxo.

<sup>12</sup> LAMENTAÇÃO:

Quomodo sedet sola civitas plena populo! Facta est quasi vidua Domina Gentium: princeps provinciarum facta est sub tributo. Plorans ploravit in nocte, et lachrymae ejus in maxillis ejus: non est qui consoletur eam ex omnibus caris ejus: omnes amici ejus spreverunt eam, et facti sunt ei inimici.

Viae Sion lugent, eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem: omnes portae ejus destructae: sacerdotes ejus gementes: virgines ejus squalidae, et ipsa oppressa amaritudine.

Como assim, solitária, está assentada uma cidade, cheia de povo; chegou a ser uma como viúva a senhora das gentes; a princesa das províncias ficou sujeita ao tributo.

Chorou, sem cessar, durante a noite, e as suas lágrimas correm pelas suas faces: não há quem a console, entre todos os seus amados; todos os seus amigos a desprezaram e se lhe tomaram inimigos.

As ruas de Sião choram, porque não há quem venha às solenidades; todas as suas portas se acham destruídas; os seus sacerdotes gemendo; as suas virgens esqueléticas, e ela, oprimida de amargura.

*Threni C. 1 – V. 1-2-4*

Omnis populus ejus gemit, et quaerens panem: dederunt pretiosa quaeque pro cibo ad refocilandum animam.

Todo o seu povo está gemendo e mendigando pão; eles deram tudo o que tinham de precioso a troco de alimento, para sustentar a vida.

*Threni C. 1 – V. 11*

Aegypto dedimus manum, et Assyrii ut saturaremur pane.

Jacuerunt in terra foris puer, et senex.

Ao Egipto demos a mão, e aos Assírios, para sermos fartos de pão.

Ficaram nas ruas, estendidos por terra, o moço e o velho.

*Threni C. 2 – V. 2*

Manus mulierum misericordium coxerunt filios suos: facti sunt cibus carum in contritione filiae populi mei.

As mãos das mulheres compassivas cozeram os seus filhos, serviram-lhes de mantimento na ruína da filha do meu povo.

*Threni C. 4 – V. 10*

Recordare Domine quid acciderit nobis: intueri et respice opprobrium nostrum.

Hereditas nostra versa est ad alienos; domus nostrae ad extraneos.

Servi dominati sunt nostri: non fuit qui redimeret de manu eorum.

Quare in perpetuum oblivisceris nostri? derelinques nos in longitudine dierum?

Lembra-te, Senhor, do que nos tem acontecido; considera e olha para o nosso opróbrio.

A nossa herança passou a forasteiros, as nossas casas a estranhos.

Os servos nos dominaram; não houve quem nos resgatasse da mão deles.

Por que razão te esquecerás tu de nós para sempre? Nos desampararás tu pela longura de dias?

*Oratio Jerem. C. 5 – V. 1-2-8-20*

Cobre-as a verde relva: os sacerdotes  
Gemem; as virgens pálidas suspiram  
    Envoltas na amargura.  
Dos filhos de Israel nas cavas faces  
    Está pintada a macilenta fome;  
Mendigos vão pedir, pedir a estranhos,  
    Um pão de infâmia eivado.  
O trémulo ancião, de longe, os olhos  
    Volve a Jerusalém, dela fugindo:  
Vê-a, suspira, cai, e em breve expira  
    Com seu nome nos lábios.  
Que horror! — ímpias as mães os tenros filhos  
    Despedaçaram: bárbaras quais tigres,  
Os sanguinosos membros palpitantes  
    No ventre sepultaram.  
Deus, compassivo olhar volve a nós tristes:  
    Cessa de Te vingar! Vê-nos escravos,  
    Servos de servos em país estranho.  
    Tem dó de nossos males!  
    Acaso serás Tu sempre inflexível?  
    Esqueceste de toda a nação tua?  
O pranto dos Hebreus não Te comove?  
    És surdo a seus lamentos?

XXI

Doce era a voz do velho: o som do Nablo  
    Sonoro: o céu sereno: clara a Terra  
    Pelo brando fulgor do astro da noite:  
    E o profeta parou. Erguidos tinha  
    Os olhos para o céu, onde buscava  
    Um raio de esperança e de conforto:  
    E ele calara já, e ainda os ecos,  
Entre as ruínas sussurrando, ao longe  
    lam os sons levar de seus queixumes.

XXII

Choro piedoso, o choro consagrado  
    Às desditas dos seus. Honra ao profeta:  
    Oh, margens do Jordão, país formoso  
    Que fostes e não sois, também suspiro  
    Condoído vos dou. Assim fenecem  
    Impérios, reinos, solidões tornados!...  
Não: Nenhum deste morto: o peregrino  
    Pára em Palmira e pensa. O braço do homem  
    A sacudiu à Terra, e fez dormissem  
    O seu último sono os filhos dela —  
    E ele o veio dormir pouco mais longe...  
Mas se chega a Sião treme, enxergando

Seus lacerados restos. Pelas pedras,  
Aqui e ali dispersas, ainda escrita  
Parece ver-se uma inscrição de agouros,  
Bem como aquela que alertou um ímpio<sup>13</sup>,  
Quando, no meio de ruidosa festa,  
Blasfemava dos Céus, e mão ignota  
O dia extremo lhe apontou dos crimes.  
A maldição do Eterno está vibrada  
Sobre Jerusalém! Quanto é terrível  
A vingança de Deus! O Israelita,  
Sem pátria e sem abrigo, vagabundo,  
Ódio dos homens, neste mundo arrasta  
Urna existência mais cruel que a morte,  
E que vem terminar a morte e inferno.  
Desgraçada nação! Aquele solo  
Onde manava o mel, onde o carvalho,  
O cedro e a palma o verde ou claro ou torvo,  
Tão grato à vista, em bosques misturavam;  
Onde o lírio e a cecém nos prados tinham  
Crescimento espontâneo entre as roseiras,  
Hoje, campo de lágrimas, só cria  
Humilde musgo de escavados cerros<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> Bem como aquela que aterrou um ímpio:

Balthasar rex fuit grande convivium optimatibus suis milli: et unusquisque secundum suam bibebat aetatem. Praeepit ergo jam temulentus ut afferrentur vasa aurea et argentea, quae asportaverat Nabuchodonosor pater ejus de templo, quod fuit in Jerusalem, ut biberent in eis rex et optimates ejus, uxoresque ejus, et concubinae. Tunc allata sunt vasa aurea et argentea, quae asportaverat de templo, quod fuerat in Jerusalem: et biberunt in eis rex, et optimates ejus, uxores et concubinae illius. Bibebant vinum et laudabant deos suos aureos, et argenteos, aereos, terreos, ligneosque et lapideos. In eadem hora aparuerunt digiti, quasi manus hominis scribentis contra candelabrum in superficie parietis aulae regiae: et rex aspicebat articulos manus scribentis. Tunc facies commutata est, et cogitationes ejus conturbabant eum; et compages renum ejus solvebantur; et genua ejus ad se invicem collidebantur. Haec est autem scriptura, quae digesta est: *Mane, Thecel, Phares*. Et haec est interpretatio sermonis: *Mane*: numcravit Deus regnum tuum et complevit illud. *Thecel*: appensus es in statera, et inventus es minus habens. *Phares*: divisum est regnum tuum, et datum est Medis, et Persis. O rei Baltasar deu um grande banquete a mais de mil grandes da sua corte, e cada um bebia nele conforme d sua idade.

Estando, pois, já bem cheio de vinho, mandou que lhe trouxessem os vasos de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, tinha transportado do templo de Jerusalém, para beberem por eles o rei e os grandes da sua corte, e as mulheres dele e concubinas.

No mesmo ponto, foram trazidos os vasos de ouro e de prata que tinha transportado do templo de Jerusalém, e por eles beberam o rei e os grandes da sua corte, as mulheres dele e concubinas.

Eles bebiam o vinho, e louvavam os seus deuses de ouro e de prata, de metal, de ferro, de pau e de pedra. Na mesma hora, apareceram uns dedos, como de mão de homem, que escrevia defronte do candeeiro, na superfície da parede da sala do rei; e o rei via os movimentos das juntas dos dedos da mão que escrevia.

Então o semblante do rei se mudou, e os seus pensamentos o perturbavam; e as juntas dos seus rins se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro.

Esta é pois a escritura que ali está disposta: *Mané, Técel, Fares*.

E esta é a interpretação das palavras:

*Mané*: Deus contou os dias do teu reinado, e lhes pôs termo.

*Técel*: tu foste pesado na balança, e achou-se que tinhas menos de peso.

*Fares*: o teu reino se dividiu, e foi dado aos Medos e aos Persas.

*Danielis Proph. C. 5 – V. 1 a 6 e 25 a 28*

<sup>14</sup> Hoje, campo de lágrimas, só cria / Humilde musgo de escavados cerros: vários passos, cem vezes citados, de Tácito e de outros escritores gravíssimos da antiguidade nos provam que a Judeia foi um país feracíssimo. Os viajantes modernos no-la descrevem como uma região árida e inculta. O despotismo, que há séculos tem oprimido a Síria, e a rapacidade dos Árabes são em grande parte causa da aniquilação da agricultura na Palestina; porém, a sua esterilidade não se pode atribuir, por certo, a uma causa política. Os sectários do Crucificado não podem deixar de ver neste fenómeno os efeitos da maldição de Deus sobre a Tema que bebeu o sangue do Filho do Homem.

XXIII

Ide vós a Mambré<sup>15</sup>. Lá, bem no meio  
De um vale, outrora de verdura ameno,  
Erguia-se um carvalho majestoso.  
Debaixo de seus ramos largos dias  
Abraão repousou. Na Primavera  
Vinham os moços adornar-lhe o tronco<sup>16</sup>  
De capelas cheirosas de boninas,  
E coreias gentis traçar-lhe em roda.  
Nasceu com o orbe a planta venerável,  
Viu passar gerações, julgou seu dia  
Final fosse o do mundo, e quando airoso  
Por entre as densas nuvens se elevava,  
Mandou o Nume aos aquilões rugissem.  
Ei-la por terra! As folhas, pouco a pouco,  
Murcharam-se caindo, e o rei dos bosques  
Serviu de pasto aos tragadores vermes.  
Deus estendeu a mão: no mesmo instante  
A vinha se mirrou: junto aos ribeiros  
Da Palestina os plátanos frondosos  
Não mais cresceram, como dantes, belos:  
O armento, em vez de relva, achou nos prados  
Somente ingratas, espinhosas urzes.  
No Gólgota plantada, a Cruz clamara<sup>17</sup>  
Justiça! A tal clamor horrído espectro  
No Moriá surgiu<sup>18</sup>. Era seu nome  
Assolação. E, despregando um grito,  
Caiu com longo som de um povo a campa.  
Assim a herança de Judá, outrora  
Grata ao Senhor, existe só nos ecos  
Do tempo que já foi, e que há passado  
Como hora de prazer entre desditas.

.....

XXIV

Minha pátria onde existe?  
É lá somente!  
Oh, lembrança da Pátria acabrunhada  
Um suspiro também tu me hás pedido;

<sup>15</sup> *Ide vós a Mambré*: o vale de Mambré estava situado junto de Kariath-Arbé (Hébron), na tribo de Judá, e ao Meio-Dia de Jerusalém. O carvalho, ou terebinto de Abraão, que, segundo o testemunho de S. Jerónimo, ainda existia no tempo de Constantino, o tomava notável. Acerca desta árvore célebre existem muitas tradições entre os Judeus; e até para os cristãos dos primeiros séculos era o vale de Mambré um lugar de devoção e romagem. Sozomeno nos descreve o vale de Terebinto como um sítio de festivas reuniões, e foi a sua narração quem suscitou este pedaço de poema.

<sup>16</sup> *...na primavera, / Vinham os moços adornar-lhe o tronco*: aqui (em Mambré) há um lugar que hoje chamam Terebinto, distante de Cébron que lhe fica ao Meio-Dia, quinze estádios, e de Jerusalém quase duzentos e cinquenta. Os habitantes deste sítio, no tempo do Estio, fazem uma feira, a que concorrem os vizinhos do vale, e ainda povos mais remotos, como os Palestinos, os Árabes e os Fenícios, Sozomeno, História Eclesiástica.

<sup>17</sup> *No Gólgota plantada, a Cruz clamara*: o monte Gólgota, ou Calvário foi o lugar onde crucificaram J. C. Esta palavra significa: *lugar onde repousam os crânios dos mortos*.

<sup>18</sup> *No Moriá surgiu*: o monte Moriá, onde estava o templo de Salomão, levantava-se no meio de Jerusalém, e ficava-lhe ao norte o monte Sião. Diz-se que neste lugar estivera Abraão para sacrificar seu filho. (Calmet, *Diction.*).



Um suspiro arrancado aos seios d'alma  
Pela ofuscada glória, e pelos crimes  
Dos homens que ora são, e pelo opróbrio  
Da mais ilustre das nações da Terra!  
A minha triste pátria era tão bela,  
E forte, e virtuosa! E ora o guerreiro  
E o sábio e o homem bom acolá dormem,  
Acolá, nos sepulcros esquecidos,  
Que a seus netos infames nada contam  
Da antiga honra e pudor e eternos feitos.  
O escravo português agrilhoado  
Carcomir-se lhes deixa junto às lousas  
Os decepados troncos desse arbusto,  
Por mãos deles plantado à liberdade,  
E por tiranos derribado em breve,  
Quando pátrias virtudes se acabaram,  
Como um sonho da infância!...  
O vil escravo,  
Imerso em vícios, em bruteza e infâmia,  
Não erguerá os macerados olhos  
Para esses troncos, que destroem vermes  
Sobre as cinzas de heróis, e, aceso em pejo,  
Não surgirá jamais? Não há na Terra  
Coração português que mande um brado  
De maldição atroz, que vá cravar-se  
Na vigília e no sono dos tiranos,  
E envenenar-lhes o prazer por noites  
De vil prostituição, e em seus banquetes  
De embriaguez lançar fel e amarguras?  
Não! Bem como um cadáver já corrupto,  
A Nação se dissolve: e em seu letargo  
O povo, envolto na miséria, dorme.

XXV

Oh, talvez como o vate, ainda algum dia  
Terei de erguer à Pátria hino de morte,  
Sobre seus mudos restos vagueando!  
Sobre seus restos? Nunca! Eterno, escuta  
Minhas preces e lágrimas: sé em breve,  
Qual jaz Sião, jazer deve Ulisseia;  
Se o anjo do extermínio há-de riscá-la  
Do meio das nações, que dentre os vivos  
Risque também meu nome, e não me deixe  
Na Terra vaguear, órfão de pátria.

XXVI

Cessou da noite a grão solenidade  
Consagrada à tristeza e a memorandas

Recordações: os monges se prostraram,  
A face unida à pedra. A mim, a todos,  
Correm dos alhos lágrimas suaves  
De compunção. Ateu, entra no templo:  
Não temas esse Deus, que os lábios negam  
E o coração confessa. A corda do arco  
Da vingança, em que a morte se debruça,  
Frouxa está; Deus é bom: entra no templo.  
Tu, para quem a morte ou vida é forma,  
Forma somente de mais puro barro,  
Que nada crês, e em nada esperas, olha,  
Olha o conforto do cristão. Se o cálix  
Da amargura a provar os Céus lhe deram,  
Ele se consolou: bálsamo santo  
Piedosa fé no coração lhe verte.  
Deus compaixão terá! Eis seu gemido:  
Porque a esperança lhe sussurra em torno:  
Aqui, ou lá... A Providência é justa.  
Ateu, a quem o mal fizera escravo,  
Teu futuro qual é? Quais são teus sonhos?  
No dia da aflição emudeceste  
Ante o espectro do mal. E a quem alçaras  
O gemente clamor? Ao mar, que as ondas  
Não altera por ti? Ao ar, que some  
Pela sua amplidão as queixas tuas?  
Aos rochedos alpestres, que não sentem,  
Nem sentir podem teu gemido inútil?  
Tua dor, teu prazer, existem, passam,  
Sem porvir, sem passado e sem sentido.  
Nas angústias da vida, o teu consolo  
O suicídio é só, que te promete  
Rica messe de gozo, a paz do nada!  
E ai de ti, se buscaste, enfim, repouso,  
No limiar da morte indo assentar-te!  
Ali grita uma voz no último instante  
Do passamento: a voz aterradora  
Da consciência é ela. E hás-de escutá-la  
Mau grado teu: e tremerás em sustos,  
Desesperado aos Céus erguendo os olhos  
Irados, de través, amortecidos;  
Aos Céus, cujo caminho a Eternidade  
Coa vagarosa mão te vai cerrando,  
Para guiar-te à solidão das dores,  
Onde maldigas teu primeiro alento,  
Onde maldigas teu extremo arranco,  
Onde maldigas a existência e a morte.

XXVII

Calou tudo no templo: o céu é puro,  
A tempestade ameaçadora dorme.  
No espaço imenso os astros cintilantes  
O rei da criação louvam com hinos,  
Não ouvidos por nós nas profundezas  
Do nosso abismo. E aos cantos do universo,  
Ante milhões de estrelas, que recamam  
O firmamento, ajuntará seu canto  
Mesquinho trovador? Que vale uma haspa  
Mortal no meio da harmonia etérea,  
No concerto da noite? Oh, no silêncio,  
Eu pequenino verme irei sentar-me  
Aos pés da Cruz nas trevas do meu nada.  
Assim se apaga a lâmpada nocturna  
Ao despontar do Sol o alvor primeiro:  
Por entre a escuridão deu claridade;  
Mas do dia ao nascer, que já rutila,  
As torrentes de luz vertendo ao longe,  
Da lâmpada o clarão sumiu-se, inútil,  
Nesse fúlgido mar, que inunda a Terra.

**FIM**